

Governo busca apoio para mudar nova Carta

Sant'Anna recebe 38 emendas supressivas e procura parlamentares para apresentá-las

O Governo fez chegar à sua liderança na Câmara um conjunto de 38 emendas para o segundo turno da Constituinte tratando, principalmente, da parte tributária. Mas quer também suprimir artigos de outros capítulos, como a anistia aos micro e pequenos empresários, a estabilidade dos servidores, a censura aos ministros e arrumar a transferência de encargos da União para os municípios. St que esbarrou num problema sério: a falta de disponibilidade de parlamentares para apadrinhar os textos, já que cada um só pode apresentar agora um total de quatro emendas e a maioria deles estava comprometida com as lideranças de seus partidos e até com suas bases.

Isso fez com que um grupo de constituintes mais governistas dissesse claramente ao ministro Ronaldo Costa Couto que se ele estava mesmo interessado em formalizar as emendas do Governo fosse ajudar a colher assinaturas. E não bastava. Devia trabalhar também para que elas fossem aceitas nos acordos, já que ninguém estava muito disposto a se esforçar para aprovar o conteúdo das emendas. Tudo aconteceu na noite de quarta-feira, quando o líder Carlos Sant'Anna reuniu-se com um grupo remanescente do Centrão, segmento onde também não encontrou o apoio amplo que esperava.

As dificuldades foram tantas para encontrar gente disposta a assumir a paternidade das emendas do Governo que Sant'Anna combinou com o pessoal do Centrão algumas rodadas de ligações para os estados, a fim de tentar superar o impasse. Ele mesmo vem lutando para conquistar apoio e, além disso, na viagem com o presidente Ulysses Guimarães, ontem, a São Paulo, levou um pedido de adiamento do prazo para apresentação das emendas, que vence à meia-noite de segunda-feira. E trouxe de lá uma pasta de apoio, mas insuficiente, que conseguiu junto com o deputado Paulo Zazur.

O problema não para aí. O pessoal do Centrão constatou ainda que o líder do PFL, José Lourenço, se antecipa ao grupo a que pertenciam anteriormente e detém agora o compromisso da maioria da bancada para as emendas do partido, inviabilizando em boa parte as que chegaram ao Gabinete Civil da Presidência da República. Isso até serviu para despertar nos centristas um certo desânimo. Ontem, ao invés de redigir as emendas, ainda verificavam se elas seriam viáveis, para não perder tempo.

José Lourenço ficou enfurecido com a queixa do Centrão e disparou contra o grupo: "O Centrão não existe mais. E um cadáver insepulto". Depois, se defendeu, dizendo que não tem culpa se eles ficaram dormindo enquanto ele trabalhava: "Cumprí minha obrigação de líder". Revelou ainda que não tem co-

Couto confirma sugestões

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, assegurou ontem, em entrevista concedida na Base Aérea, ao retornar de São Paulo, que "a palavra de ordem quanto às conquistas sociais aprovadas no primeiro turno da votação é respeitá-las e apoiá-las". Mas, acrescentou, nos casos em que alguns pontos se revelem inviáveis, "tentaremos, através de nossas lideranças, apresentar sugestões corrigindo".

Como exemplo de incorreções do projeto da Constituição, Costa Couto citou o tabelamento dos juros em 12 por cento ao ano. "Esta limitação é desejável, mas infelizmente não parece viável, da mesma forma que a questão da prisão em flagrante ou apenas com ordem judicial que evidentemente é de operacionalização muito complicada", acrescentou.

Costa Couto lembrou que estão falando que o Governo deverá encaminhar, através de suas lideranças e constituintes identificados com ele cerca de 38 emendas. "Fiquei surpreso com a divulgação deste número. Sou o chefe do Gabinete Civil, mas desconheço este número", afirmou.

Brizola critica projeto

Porto Alegre — O presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, criticou a atuação da Constituinte, que aprovou "um texto conservador", afirmando que o próximo presidente da República será obrigado a encaminhar modificações que permitam os avanços sociais que a nação reclama. O ex-governador reconheceu estar agindo como candidato a presidente, embora negue sua candidatura.

Entre as questões que

plia das emendas de interesse do Governo e repeliu as críticas dos remanescentes centristas.

Confirmou, porém, que realmente ocupou o espaço que pôde no PFL, mas negou que tenha feito isso — como acusam os do Centrão — como parte de sua campanha à presidência do partido. Revoltado com as críticas, disse que devia na verdade ser elogiado, e não perseguido.

Na sua opinião, "o Centrão está menor". Realmente, nem o deputado Ricardo Fiúza, coordenador e principal articulador do grupo, vem mantendo estreito contato com os demais, reduzidos ultimamente a José Lins, Luiz Eduardo Magalhães, Oscar Corrêa Júnior, Sérgio Werneck, José Geraldo Ribeiro e Paes Landim. Mas, deste grupo, parte ainda vota sob a orientação do PFL.

O líder José Lourenço foi contundente ao comentar que só vai suprimir alguma coisa no texto da Constituição se houver acordo entre o PFL e o PMDB. Tanto isso é verdade, revelou, que o presidente Ulysses Guimarães vem estimulando as negociações entre os dois partidos e até pediu notícias delas no jantar que ofereceu quarta-feira aos líderes.

O acordo, para o líder pefelista, é fundamental pois todas as vezes em que o Centrão votou sozinho, ou apenas com o PFL, perdeu. Ele justificou sua nova postura com argumentos políticos: o quadro hoje é outro. "O Centrão teve vitórias em determinado período, mas as divergências internas e as vaidades levaram-no à destruição", justificou.

Depois, está certo de que voltam a prevalecer no cenário da Constituinte as negociações entre os partidos. Isso, na sua avaliação, ficou mais nítido com a saída dos "tucanos" do PMDB, a ponto de ter identificado no líder Nelson Jobim a disposição de exercer o comando da bancada.

Além desses argumentos, o líder José Lourenço acrescentou que todos sabem também que ninguém retine sozinho os 280 votos para mudar o texto do 1º turno, o que força o entendimento. A previsão é de que com as campanhas municipais, o quorum seja baixo e apenas as matérias objeto de acordo terão chances de aprovação. Entre essas, destacou o fim da jornada de trabalho de seis horas, do voto aos 16 anos, da licença-paternidade, da estatização da mineração, do tabelamento de juros e de um ou outro ponto considerado fundamental.

O líder do PFL vem há dias alertando para a questão da supressão da anistia aos micro e pequenos empresários. Para ele, além de ser matéria que exige um exame mais apurado, agir para derrubá-la dependerá fundamentalmente de uma manifestação clara de desejo do Governo e que ele trabalhe para conquistar os 280 votos positivos, se quiser aprovar a emenda em plenário.

Adiantou, contudo, que o Governo está trabalhando para fornecer subsídios à Constituinte. "Vamos apresentar diversas sugestões que abrangem títulos, capítulos e artigos do projeto final da Constituição. E isto, mais que direito, é um dever. Aos constituintes cabe decidir se as sugestões são válidas ou não", informou.

Segundo ele, o objetivo das sugestões encaminhadas pelo Governo à Constituinte "é garantir maior consistência ao texto da futura Carta, eliminar os erros e corrigir as omissões. Isto é possível, como prevê o Regimento Interno da Constituição". Entre as questões passíveis de correção, Costa Couto citou a jornada de seis horas que, segundo disse, em muitas estatais e mesmo no setor privado, pode trazer complicações do ponto de vista da competitividade e até em relação aos lucros.

Com todas essas imperfeições apontadas, Ronaldo Costa Couto acha que "é hora de fazer justiça, e que o projeto da Constituição, com um mínimo de bom-senso no segundo turno, poderá resultar numa Carta moderna, equilibrada e progressista. Como os brasileiros querem".

juiga exigir uma reformulação. Brizola destacou a da "democratização do direito de propriedade", ressaltando que o Brasil precisa com urgência de 15 a 20 milhões de novas propriedades, dentro de um plano de colonização. Atacou o presidente José Sarney por "ter sentado em cima da reforma agrária, praticamente acabando com ela" através de medidas como a extinção do Incra e a transformação em letra morta do Estatuto da Terra.

RADIOBRAS



Antes da entrevista, Ulysses Guimarães, entre os governadores Alvaro Dias e Orestes Quêrcia, agradece os aplausos

Ulysses não admitirá recuos

Da Sucursal

São Paulo — O presidente em exercício da República, deputado Ulysses Guimarães, garantiu ontem, em São Paulo, que é ponto de honra para o PMDB manter na Constituição "aquilo que for progressista, que signifique avanços, justiça aos trabalhadores". Ulysses afirmou, que em conjunto com as lideranças do partido, vai examinar as emendas supressivas que forem apresentadas para o segundo turno de votação do projeto de Constituição.

— Não nos recusamos a examinar estudos. O que vale é a argumentação, os dados positivos, venham de onde vier. Não temos nenhuma preocupação discriminatória, disse Ulysses, que falou como presidente da Constituinte, do PMDB e da Câmara e da República durante a entrevista coletiva em São Paulo.

O líder Ronan Tito disse que não aceita a presença do Centrão nem mesmo nos diretórios. Há uma tendência de entendimento ou a tendência é partir para uma duas ou até três chapas?

Acho que há lugar para todos, não só no diretório, como na comissão executiva. E, nos diferentes cargos que o partido tem. Não existem condições de colocar todos, porque é fisicamente impossível, mas colocaremos todas as representações de tendências existentes do PMDB. Nossa preocupação não é fundamental tanto a nomes, e sim quanto à fisionomia, o desenho, o discurso do partido.

O deputado Carlos Sant'Anna disse que se hou-

ver disputa nessa convenção todos vão sair perdendo. A esquerda, por exemplo, se perder, sai do partido. O Sr. concorda com essa previsão pessimista?

Não, se há uma ocasião que deveríamos nos entender, essa ocasião será agora. A convenção deve construir condições para que nós melhoremos as nossas possibilidades. Estou certo que não vai haver o racha, não vai haver a saída do partido e vamos encontrar um caminho de entendimento, para através da convenção, chegarmos às urnas em 15 de novembro e ganhar as eleições.

O Sr. vê a possibilidade da formação de uma chapa única?

Se for possível na Constituinte, porque não é possível na convenção? A vitória nas eleições municipais é uma ponte para as eleições presidenciais?

E claro. Se o PMDB não ganhar a eleição para presidente da República quem é que vai ganhar? Nós temos tudo para ganhar e estou certo que vamos ganhar. A Pole Position, que me perdoem o Ayrton Senna e o Piquet, é nossa. E estou certo que vamos ganhar essa corrida.

Uma liderança importante dizia aqui no Palácio dos Bandeirantes que após a convenção o PMDB deverá assumir uma postura de distanciamento do Governo Federal. O Sr. concorda com isso?

Quanto ao presidente José Sarney, desejamos que seu governo frutifique, tenha êxitos, principalmente no setor econômico. Mas o PMDB tem a sua personalidade, sua fisionomia. A po-

sição do nosso partido será termos como pólo de imantação os nossos compromissos, os compromissos sociais. Vamos ver aquilo que foi saldado, principalmente na Constituição, e vamos ver os compromissos restantes para lutar por eles.

Que relação o Sr. faz entre essas conquistas sociais que o PMDB ajudou a consolidar na Constituinte, com a tentativa de setores empresariais e alguns segmentos do próprio PMDB, de eliminar no segundo turno algumas conquistas que os trabalhadores consideram como fundamentais. Se forem suprimidos alguns pontos, como o direito de greve e o turno de 6 horas, isso descaracterizaria essa feição progressista que o senhor enxerga na nova Constituição?

Hoje vou almejar com as lideranças do PMDB e figuras que tiveram atuação na Constituinte a fim de examinar o segundo turno. Vamos ver o que vem, quem apresenta emendas, que

emendas serão apresentadas, e vamos ver qual é a fundamentação. Aquilo que for progressista, que signifique avanços, justiça aos trabalhadores, isso constitui um ponto de honra para o PMDB. Não nos recusamos a examinar estudos, o que vale é a argumentação, os dados positivos, venham de onde vier. Não temos nenhuma preocupação discriminatória.

O Sr. acha que o Centrão vai aceitar essa questão?

Acho que sim, porque estão no partido, falaram nas palanques, nas rádios e televisões, nessa linguagem ainda na eleição de 86.

O PMDB é hoje um partido ideologicamente dividido. O Sr. disse que os ocupantes dos cargos do diretório e da executiva devem se identificar com a face progressista do PMDB. O Sr. admite essa cisão ideológica dentro do partido e qual é essa cara do PMDB que se fala agora?

Eu não admito cisão. Entendo que dentro de um

partido do tamanho do PMDB existe o convívio com pessoas, com idéias, com ideologias que nós até não comungamos. No PMDB, por exemplo, na fase de luta contra o arbitrio, estavam lá: o PC do B, O PC, O MR-8. Não tínhamos as mesmas idéias, mas estávamos unidos num Front para atingir ou ser contra um objetivo. Nós temos que conviver com pessoas que tenham idéias diferentes dentro do partido. Mas é claro que deve preponderar dentro do partido este compromisso no sentido social daqueles que precisamos do PMDB.

O Sr. acredita que o PMDB faz o candidato às eleições municipais aqui em São Paulo?

O governador Orestes Quêrcia, desde o início da sua carreira, é um ganhador de eleições, é um campeão. Estou quase convocando-o para dar umas aulas no plano nacional, com o Know-How que ele tem. Eu estou certo de que sob a liderança de Orestes Quêrcia aqui e do governador Alvaro Dias, no Paraná, depois de 15 de novembro vocês vão verificar, ao contrário do que muita gente diz por aí, vai se sair muito bem, se Deus quiser e se as urnas também.

E os Tucanos? Nós já enfrentamos balonetes, enfrentamos cachorros, dificuldades de toda sorte. Este é um passarinho muito bonito, mas é inofensivo. Eu não tenho receio nenhum.

O Sr. não teme o bico grande do Tucano? Não, mas este bico atrapalha para voar. E o que dizem, eu não sou ornitólogo.

Presidente mostra bom humor

São Paulo, (Sucursal) — A primeira pergunta feita a Ulysses Guimarães, por um repórter de TV, provocou gargalhadas no Palácio dos Bandeirantes. "O senhor, que acaba de voltar de Juqueiri...", equivocou-se o repórter. Ulysses retornava de Juqueituba e Juqueiri é um tristemente famoso internato para loucos. "Bom, se eu tivesse ido lá, não ao me deixariam sair", respondeu o presi-

dente em exercício, bem-humorado. Exibindo boa forma, ele esgrimiu respostas com desenvoltura ao encarar temas como integrantes do Centrão nos diretórios do PMDB, falas "Quêrcia — presidente da República", possível distanciamento do governo Sarney. E a figura do tucano foi analisada com ironia. "Já enfrentamos balonetes, cachorros, esse é um passarinho bonito, mas inofensivo".

Reeleição a vice já tem opositores

A reeleição do deputado Ulysses Guimarães à presidência da Câmara pode se tornar possível se a Constituinte aprovar a emenda supressiva apresentada ontem pelo deputado Nilson Gibson (PMDB-PE), retirando do texto constitucional o dispositivo que proíbe a recondução de membro da Mesa do Legislativo para o mesmo cargo. Mas a pretensão de Gibson esbarra nas articulações contrárias à tese, desenvolvidas pelos parlamentares que apoiam candidatos como os deputados Paes de Andrade (CE), Bernardo Cabral (AM) e Roberto Cardoso Alves (SP), todos do PMDB.

A recondução de Ulysses à presidência da Câmara — que lhe garante a posição de vice-presidente da República — enfrenta também a oposição do PT (16 votos), PDT (26 votos), PCB, PC do B e parte do PSD.